

prontidão

Tento não ser cronista. O elevador de pouca luz: eu saio dele e o porteiro, seu Silas, me cumprimenta pelo nome. O curioso é que ainda não me viu, pois a porta do elevador está fora do campo de visão dele. Quando fico visível, em vez de ver quem é que se aproxima, seu Silas me cumprimenta já pelo nome, porque já deve ter me visto. Achei que houvesse um jogo de espelhos que permitisse a coisa, mas quando enfim parei para reparar vi que não havia espelhos. Fiquei intrigado por pouco tempo, porque me lembrei que o elevador tem câmera, daí seu Silas deve ver quem se aproxima desde dentro do elevador. Não sei se ele simplesmente nos vê e nos cumprimenta, sem querer causar nenhuma impressão, ou se, ao contrário, ele quer, sim, causar essa impressão mágica ao nos cumprimentar pelo nome tão rapidamente, antes do possível, não fosse a câmera. A coisa é que mesmo desvendada a mecânica intrigante, ainda me causa certa impressão a rapidez com que ele me cumprimenta pelo nome. Talvez seja derivada da prontidão esperada de porteiros onde o iptu e o condomínio são caros. Aqui a equipe é composta de creio que três porteiros – um morreu de covid, fui informado pelo síndico (me mudei recentemente, há cerca de dois meses). Não sei o nome do falecido, nem se ele era um quarto porteiro ou se o terceiro, da noite, é seu substituto.

A prontidão é uma coisa que pode ser elegante e mesmo bela, mas não quando, junto ao sentido de serviço que pressupõe, a ela se acrescenta certo tipo de ameaça. A prontidão do garçom pode ser bela. Também a do porteiro. Também a do amigo, que não é a mesma desses dois (que, além de não ser uma única para ambos, se relaciona estreitamente com o trato que recebem dos respectivos estabelecimentos), ou a da mãe, que não é a do pai, ou da avó, que não é a da enfermeira, ou do terapeuta, que não é a da mãe de santo, ou do deputado, que não é a da professora, e assim por diante. Mas na prontidão certo serviço está envolvido. Nem que seja o de fazer o destino tomar seu curso. E a prontidão envolve justamente antecipar as coisas, o que não é exatamente prever, nem agir com ansiedade, como se a coisa já tivesse acontecido.

Por exemplo: lia eu alguma coisa no computador quando, de uma destas janelas vizinhas muito próximas à minha, saiu a cabeça de Cecília olhando em redor até ver a minha vendo a sua. E aquele encontro – que se afinal não era impossível, era ao menos inesperado, sobretudo depois de cinco anos de um tão plácido silêncio mútuo, anos que subitamente pareciam tão breves –, como dizê-lo. Ela abre um sorriso e me pergunta se moro em Copa agora, ao que demoro demais para mentir e faço, a contragosto, que sim. Sua imobilidade de crânio e pescoço me aterroriza e antes que eu diga qualquer coisa ela emenda e diz que está descendo. Encarando-me, recolhe o pescoço lentamente, lentidão que evoca aquela da noite em que, sorrindo, serrou meu braço esquerdo fora, enquanto eu não conseguia emitir som algum com a língua pastosa e os músculos paralisados. Não é exatamente simples digitar com a prótese.

Faço a mala. Cato uma muda de roupa e guardo o computador. Desço e seu Silas me cumprimenta pelo nome antes de me ver e me aponta Cecília, que continua veloz, sentada no banco da portaria. Dessa vez não demoro, digo que estou de saída, que estou indo para São Paulo. Certa etiqueta me faz esperar sua surpresa ou alguma pergunta, mas ela apenas sorri de lábios selados, e seus olhos me acompanham. Não me explico mais. Talvez isto não tenha fim, é o que tristemente cogito em silêncio. Abro a porta e chamo um táxi e não sei para onde me dirijo até dizer ‘Santos Dumont’ ao taxista. É este tipo de antecipação a que me referia. São Paulo é deste mesmo agujero, mas Araraquara fez lockdown.